

RUPTURA NA FORMAÇÃO DO GÊNERO TEXTUAL REDAÇÃO DO VESTIBULAR: interação produtor e destinatário

Kerlly Karine Pereira Herênio¹, Isadora Cecylia Araujo², Karlos Eduardo Wanderley², Thiago Alves Ribeiro² Jaquelinne Ribeiro Paixão Ferreira³, Leane Araújo Oliveira⁴, Natália Silva Fonseca⁵

¹Doutoranda em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Tocantins-UFT. e-mail: kerlly.herenio@ifto.edu.br

²Alunos do Ensino Médio - IFTO. Bolsistas do CNPq. e-mail: isacecylia@gmail.com e karloseduw1@gmail.com

³Especialista em Docência no Ensino Tecnológico e Profissional pelo Instituto Federal do Tocantins-IFTO. e-mail: jaquelinne.ferreira@ifto.edu.br

⁴Graduada em Letras pela Universidade Federal do Tocantins-UFT. e-mail: leane.oliveira@ifto.edu.br

⁵Assistente administrativa do Instituto Federal do Tocantins-IFTO. e-mail: Natalia.fonseca@ifto.edu.br

Resumo: Observa-se que, no Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Tocantins, *campus* Araguaína, existe uma enorme lacuna entre o que é necessário para o ingresso dos discentes na universidade e o que lhes é ofertado. O trabalho está sendo desenvolvido visando introduzir aos alunos do Ensino Médio da instituição citada, as técnicas e paradigmas da redação do vestibular, por meio de encontros mensais, preenchendo a lacuna existente no quadro da redação do vestibular e possibilitando aos vestibulandos maior segurança, já que a redação é a única exigência feita legalmente ao concurso do vestibular, em todo o território nacional, segundo a portaria MEC nº 2941/2001, que estabelece a obrigatoriedade da prova de redação eliminatória e em geral de caráter argumentativo.

Palavras-chave: lacuna, paradigmas, redação do vestibular, técnicas

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho faz-se referência à teoria dos Gêneros Textuais, pois, de acordo com Marcuschi (2008, p. 155) estes

são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.

Desta forma, as produções de textos em sala de aula pautam-se na Teoria do Gêneros Textuais, pois ao redigir um texto, o discente demonstra a capacidade adequada de garantir um posicionamento no mundo social. Toda atividade discursiva dá-se por meio dos gêneros, o que evidencia toda sua multiplicidade. Assim, segundo Bazerman (2005, p.106), “cada pessoa, através da comunicação por gêneros textuais, aprende mais sobre suas possibilidades pessoais, desenvolve habilidades comunicativas e compreende melhor o mundo com que está se comunicando”.

Os gêneros envolvidos no processo de interlocução tornam-se indispensáveis, uma vez que a língua é entendida como aspecto social, histórico e cognitivo. Privilegia-se a natureza funcional e interativa, e não o aspecto formal e estrutural da língua.

Assim, utilizamos as condições externas de produção dos textos, isso provoca um abandono da noção de “tipo de texto” a favor da de gênero de texto e de tipo de discurso. Neste

caso “são os gêneros, como formas comunicativas, que serão postos em correspondência com as unidades psicológicas que são as ações de linguagem” (BRONCKART, 1999, p.15).

Nessa perspectiva, encontra-se a Redação do Vestibular como um Gênero Textual, “que atende a propósitos específicos de pelo menos duas partes: vestibulandos e banca avaliadora, configurando uma situação de interlocução.” (PAVANI *et al*, 2006, p. 02). Essa Redação deve ser considerada como um Gênero, através do qual os vestibulandos (alunos do Ensino Médio desejosos de entrarem na graduação) devem negociar significados com sua audiência-alvo no contexto específico do concurso vestibular (PILAR, 2002, p. 161). Esse Gênero Textual representa a função social de avaliar a competência do candidato no uso da linguagem numa determinada situação de interação.

Flores *et al* (2003, p. 95) define Redação do Vestibular como um Gênero Híbrido, já que nele (co)habitam diferentes perspectivas que se manifestam em sua plenitude concreta no exercício da linguagem feita pelo sujeito em sua relação com o outro, numa reflexão de alteridade, sendo inadmissível uma abordagem meramente linguístico-tipológica. Segundo o autor, não podemos considerar um tipo como “puro”, pois há uma heterogeneidade de sequências relacionadas para formar uma unidade significativa. Apenas uma abordagem na perspectiva dos Gêneros Textuais pode tornar clara a constituição da Redação de Vestibular enquanto uso discursivo da língua.

Concorda-se com a opinião de Gonçalves (2011, p. 33) ao ter linguagem sob o prisma sociointeracionista e reconhecer o sujeito ativo em sua produção linguística. Contudo, a ação deste sujeito é pautada numa capacidade linguístico-discursiva limitada, pois Geraldi (1993) já relatava uma diferença entre escrever, na escola, ação correspondente à produção de texto, e escrever para a escola, atividade associada à redação.

Nesse sentido, a “redação” poderia se identificar com um tipo de texto considerado artificial, ao contrário da “produção de texto”, uma vez que nas atividades escolares não se escreve para um interlocutor real (a não ser o professor na condição de avaliador), em uma situação real de produção (a não ser a da sala de aula); acaba-se escrevendo basicamente para mostrar que se sabe escrever, e, muito raramente, para dizer alguma coisa. (WILSON, 2012, p. 87).

A redação é hoje a única exigência feita legalmente ao concurso do vestibular, em todo o território nacional, segundo a portaria MEC nº 2.941/2001, que estabelece a obrigatoriedade da prova de redação eliminatória e em geral de caráter argumentativo.

A Redação do Vestibular representa, portanto, o fim de uma etapa para os alunos do Ensino Médio, pois, ao ser adotada como processo de inserção dos discentes no Ensino Superior, práticas pedagógicas passaram a emitir “fórmulas mágicas”, a “ensinar como fazer um ‘bom’ texto. Criaram o ‘macete’, a ‘forma’, regras para escrever bem para obter a aprovação. E a emenda ficou pior que o soneto”. (CLAVER, 2006, p. 09).

De acordo com Caldeira (2006, p. 33) Como podemos ver, a Redação do Vestibular é um tipo de texto que nasceu de uma necessidade social, cultural e política, e que, como qualquer outro Gênero, retrata o momento sócio-histórico da sociedade na qual ele se insere. Sendo um dos instrumentos de avaliação do concurso em questão, transforma-se em ferramenta de inclusão ou exclusão social.

Embora Schneuwly (2004, p. 23) relate que o Gênero Textual reflita uma ação que é mediada por objetos específicos, socialmente elaborados, advindos de experiências das gerações precedentes, através dos quais se transmitem e se alargam experiências possíveis, o processo de produção da Redação do vestibular traz as experiências para um modelo culturalmente copiado, devido ao seu processo de seleção.

Dentro desse processo de ensino da Redação do Vestibular existe uma “ruptura”. O problema é encontrado na interação social de seus interlocutores. Concorda-se com a visão de que a linguagem deve ser estudada sócio-discursivamente, o que significa, no dizer de Gonçalves (2011, p. 44) “não apenas tentar elaborar um modelo das condições de produção do

texto e de sua organização, mas, sobretudo, compreender as ações humanas e as interações sociais”. Existe uma falha no processo de interação professor-aluno, pois os efeitos que o produtor (docente) quer produzir no seu destinatário (discente) são diferentes dos efeitos que produz. O produto dessa relação é um modelo de Redação do Vestibular limitado, estagnado.

Hoje, existem poucos profissionais que se encontram capacitados e motivados a trabalharem com esse modelo social de Redação do Vestibular, é essa motivação é o que propõe este projeto de extensão. Ressaltando ainda, a utilização de uma ferramenta para os discentes o site “Kerlly Herênio” (www.kerllyherenio.blogspot.com.br), completamente voltado para a produção textual do vestibular, o qual já possui mais de 120 mil acessos.

2.OBJETIVOS

Objetivo Geral: Ensinar a Redação do Vestibular para alunos do Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, *campus* Araguaína.

Objetivos Específicos:

- Ministras as técnicas do gênero Redação do Vestibular no IFTO;
- Orientar os modelos de redação;
- Analisar e orientar temas que são utilizados na Redação Vestibular;
- Apresentar propostas de Produção Textual;
- Praticar em sala a proposta de produção com os discentes;
- Corrigir as redações;
- Elencar as correções no modelo requerido pelo vestibular.

3. METODOLOGIA DE TRABALHO

A escolha da metodologia: Este estudo tem um enfoque qualitativo-interpretativo. É uma pesquisa que descreve e analisa a redação de vestibular enquanto Gênero Textual. As redações investigadas recorrerão à noção de Gênero Textual, apoiando-se no Interacionismo Sócio-Discursivo, por meio dos estudos de BRONCKART (1999); BAZERMAN (2005); GONÇALVES (2011); MARCUSCHI (2008) .

Coleta de dados: Para este projeto de extensão, analisaremos dados que serão coletados no Instituto Federal do Tocantins (IFTO), *campus* Araguaína. O *corpus* utilizado para a análise será composto de redações escritas por alunos do Ensino Médio da referida instituição de ensino, que forem realizadas durante as aulas de Língua Portuguesa, com critérios de avaliação para redação, utilizados no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), do ano vigente.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo de muitos anos de docência e correção de redações em vestibulares, percebemos uma grande necessidade de investigação do processo de ensino da Redação do Vestibular. A estrutura deste gênero tratou-se refletida como um jogo amalgamado de palavras, um modelo pronto é reproduzido tecnicamente.

Observamos ainda que as instruções docentes tratavam-se de massificações do processo de produção textual, demonstravam-se fórmulas únicas, e o uso desse Gênero refletiam apenas a

fixação dessas fórmulas, ao discente apenas cabia a reprodução de forma inadequada.

De acordo com Cruz (2005, p. 76) o aluno é obrigado a escrever dentro de um paradigma escolar, dirigido pela professora, que dita as ordens, como: “o texto deverá ser escrito na sala de aula; valerá nota; deverá ser escrito na linguagem formal; o número de parágrafos deve ser o mesmo do texto original.”

Configura-se numa conduta metodológica extremamente técnica, o tradicionalismo ainda permanece enraizado no trabalho pedagógico desses professores em sala de aula que são conduzidos por um padrão exigido pelo vestibular.

A atitude de muitos docentes na área de produção textual, em especial ao modelo repetitivo do texto dissertativo-argumentativo, era uníssona para a reprodução de um padrão específico e exigido. Trazendo à tona dúvidas em relação ao “fazer textual”. Luna (2004, p. 11) observa que há lacunas enormes no ensino-aprendizagem na formação do professor, ao qual é possuidor de um conhecimento mínimo à prática que se propõe. Há, no dizer de Luna, um “hiato entre o dado e o cobrado” como o cumprimento simples de um conteúdo proposto.

Com a atenção voltada para um texto técnico, reproduziu-se de maneira mecânica as partes do texto dissertativo-argumentativo. Conforme Caldeira (2006, p. 18) relata, o vestibular é um teste decisivo para a carreira profissional do candidato, e, também, considerando que a redação, principalmente em reconhecidas instituições de ensino, representa um grande percentual da nota final do concurso, podendo, na maioria das vezes, ser decisiva para a aprovação ou não do candidato. Pergunta-se, e os alunos do *campus* Araguaína, possuem essas técnicas necessárias?

Assim, não é suficiente estudar o Gênero Redação em si mesmo, mas é preciso também estudá-lo através do entendimento do funcionamento social e de sua relação com os participantes, estando estes inseridos em uma cultura e suas respectivas instituições. Há a necessidade urgente desses ensinamentos.

Por isso, a relação social que funciona no entrave “passar no vestibular”-“aprender redação”, induz à quantidade de erros existentes nessas produções e a uma ruptura do aprendizado do Gênero Redação do Vestibular.

A relevância social deste projeto de extensão justifica-se porque, segundo Bronckart (1999), são as representações que o agente-produtor constrói tendo em vista seu lugar social, o objetivo da interação em curso. Tal conteúdo varia em função da experiência e do conhecimento adquiridos ao longo do tempo e que estão armazenados na memória. Mas e quando essas memórias e experiências pautam-se em um paradigma culturalmente pressionado pelo entrave de passar no vestibular?

A sala de aula é um lugar social, pois entende-se que “lugar social é a instituição social ou o ambiente de interação onde o texto é produzido (mídia, academia, escola, etc.) (GONÇALVES, 2011). Nesse espaço, há a interação professor-aluno, e a Redação como avaliação formativa, contudo, passa por uma moderação formativa ineficiente em que os interlocutores envolvidos se comungam em um processo falho. Portanto, faz-se necessário um estudo aprofundado dessa “ruptura” no estudo do modelo de Redação do Vestibular. Tal qual relata Athayde Júnior (2003, p.1055)

as rígidas e bem definidas determinações dadas ao sujeito-redator, a imagem que este faz da figura do interlocutor (o corretor ou a instituição para a qual presta concurso), associadas ao fato de que da correção dependerá seu futuro escolar, exercem sobre o candidato uma coerção muito forte. De tal sorte que as redações produzidas sob estas condições procurarão seguir fielmente as recomendações formais estipuladas para o texto, ao mesmo tempo em que, guiado pela imagem que faz de seu interlocutor, o redator procurará construir um

texto "sob encomenda", previsível, do tipo que imagina que o corretor considere deva ser escrito sobre o tema. Este é um conjunto de características que, por assemelhar-se às condições de produção do gênero redação escolar, acaba por condicionar a grande incidência de redações típicas, que seguem o tradicional modelo apreendido durante o percurso escolar. Nele, a redação parece constituir-se num dos lugares privilegiados do jogo pedagógico, no qual, para ser bem sucedido, o aluno precisa assumir um faz-de-conta, escondendo o seu dizer em uma produção que busca apenas conformar-se às expectativas do interlocutor (na figura da autoridade do professor).

Deve-se considerar a atividade da linguagem em funcionamento com os grupos humanos, tal qual designa nossa corrente teórica, contudo, o que se observa no quadro de Ensino da Redação para o Vestibular não é essa relação, mas uma lacuna existente processo docente-discente. Sendo necessária a análise das motivações existentes para a permanência dessa "brecha".

5. CONCLUSÃO

A introdução de técnicas e paradigmas aos estudantes do Instituto Federal do Tocantins - *campus* Araguaína, parte da necessidade existente para que eles possam atender as exigências feitas pela Instituição a qual querem ingressar em um curso superior, visando descrever e analisar a redação de vestibular enquanto Gênero Textual. São muitos os recursos disponíveis para a obtenção do êxito no processo de ensino da Redação do Vestibular. O site "Kerlly Herênio" (www.kerllyherenio.blogspot.com.br), que já possui mais de 120 mil acessos, consiste em uma porção de materiais que podem ser utilizados pelos vestibulandos e também os próprios docentes. Espera-se que a partir do que for proposto neste trabalho, os discentes possam ter a competência e habilidade para um bom desempenho enquanto vestibulando. Podendo em seu texto dizer algo e não somente mostrar que sabe escrever, além de promover uma maior interação professor-aluno, produtor e destinatário.

REFERÊNCIAS

- ATHAYDE JÚNIOR, M. C. **O Senso comum em redações de vestibulares**. Anais do 5º Encontro do Celsul, Curitiba-PR, 2003 (1055-1060).
- BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.
- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. São Paulo: EDUC, 1999.
- CALDEIRA, J.R. **A redação de vestibular como gênero: configuração textual e processo social**. 2006. 150f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2006.
- CLAVER, R. **Escrever sem doer: oficina de redação**. Belo Horizonte: UFMG, 2006. 179p.

CRUZ, M.C. **A produção textual no nível médio: uma análise das condições de produção.** 2005. 97f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2005.

FLORES, Valdir do Nascimento & SILVA, Carmen Luci da Costa. O texto dissertativo em debate: uma análise de redações de vestibular. In: **Redação instrumental.** Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003. p. 89-109.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

GONÇALVES, A.V. **Gêneros textuais na escola: da compreensão à produção.** Dourados, MS: Ed.UFGD, 2011. 272p.

LUNA, M.J.M. **A redação no vestibular – a elipse e a textualidade.** Recife: UFPE, 2004. 153p.

MARCUSCHI, L.A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 295p.

PAVANI, Cinara F.; KÖCHE, Vanilda S.; BOFF, Odete M. B. Redação de vestibular: gênero heterogêneo. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL.** V. 4, n. 6, março de 2006.

PILAR, Jandira. **A redação de vestibular.** Santa Maria: Pallotti, 2001.

SCHNEUWLY, B. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: **Gêneros orais e escritos na escola.** Trad. e org. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p.21-39.

WILSON, W. A redação no vestibular: um gênero híbrido. **Linguagem & Ensino,** Pelotas, v.15, n.1, p. 87-112, jan./jun. 2012. p.87-112.